

# MÚSICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA À LUZ DA GRAMÁTICA ANALÍTICA REFLEXIVA

Ciro Carlos Antunes<sup>1</sup>

Danyelle Batista Mendes da Silva<sup>2</sup>

Elaine Cristina Pereira do Prado<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo enfoca os diferentes tipos de uso da música como uma metodologia facilitadora para o ensino e aprendizagem do aluno em sala de aula. A metodologia utilizada foi pesquisas bibliográficas e a observação do aprendizado dos alunos em assuntos referentes a gramática. O grande desafio enfrentado por parte dos professores é inovar seus métodos e metodologias dentro da sala de aula a fim de que os alunos aprendam e se desenvolvam intelectualmente e habilidosamente. Contudo, é preciso que os alunos saibam o verdadeiro intuito de se aprender gramática e quais seus ensinamentos para o seu desenvolvimento intelectual.

**Palavras-chaves:** Música; Metodologia; Aluno; Professor; Inovação.

**ABSTRACT:** This article focuses on the different types of music use as a facilitating methodology for teaching and learning in the classroom. The methodology used was bibliographical research and the observation of students' learning in grammatical subjects. The great challenge faced by teachers is to innovate their methods and methodologies within the classroom so that students learn and develop intellectually and skillfully. However, students need to know the true purpose of learning grammar and what they teach for their intellectual development.

**Keywords:** Music; Methodology; Student; Teacher; Innovation.

---

1 Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Pós-graduado em: Mídias na Educação pela UNIMONTES e Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor de Educação Superior pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: c.alburquerque@bol.com.br.

2 Acadêmica do curso Letras – Português da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Campus de Unaí, em Minas Gerais.

3 Acadêmica do curso Letras – Português da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Campus de Unaí, em Minas Gerais.

Este artigo tem como objetivo realizar uma breve discussão sobre o ensino da gramática nas escolas e fazer algumas considerações sobre a prática letiva dos professores, e, a aprendizagem dos alunos de modo que haja uma reflexão sobre a questão de ensino de linguagem e de gramática em sala de aula. Em seguida, busca-se umas situações que agrega a importância e o motivo de ensinar e aprender a língua portuguesa para nativos e estrangeiros que vivem no Brasil. desse modo, busca-se entender e compreender as metodologias inovadoras que os docentes podem fazer uso para o ensino de português ao ter a música como gênero textual heterogêneo.

Nesse sentido, considera-se que o professor ao aprimorar seu conhecimento e seus métodos terá uma aula produtiva e que desperta a curiosidade do aluno, uma vez que, esses não se interessam pela disciplina por considera-la de difícil aprendizagem. Acredita-se que ao professor introduzir novos métodos e metodologias de ensino, em sala de aula, ele fará com que o aluno tenha interesse, desperte curiosidade e estimule o aluno a apreender a língua portuguesa para o uso social em seus diferentes papéis culturais.

Ao inserir a música em sala de aula como uma metodologia, acredita-se que ela seja inovadora para o ensino de língua, porque ela pode ser um poema, uma poesia, um romance e pode está a ser bidimensional por ser escrita, proclamada, cantada e encenada para o ensino de português. Por esse viés, pretende-se motivar os alunos quanto ao ensino da gramática ao apresentá-los de forma de um ensino híbrido. Opta-se por inserir a música em sala de aula por ser um recurso didático que possibilita trabalhar como componente lúdico, pode ser utilizada para cogitar as habilidades da língua e os elementos do princípio linguístico ao promover a influência mútua, a motivação e elencar um clima de aprendizagem mais significativa e descontraída.

Alguns autores defendem que música é a combinação de sons e silêncios de uma maneira organizada. A música é composta por: melodia, harmonia e ritmo. Melodia é a voz principal do som, é aquilo que pode ser cantado. Harmonia é uma sobreposição de notas que servem de base para a melodia. Ritmo é a marcação do tempo de uma música.

Para ter clareza desse trabalho, fazem-se necessárias as ações presentes dos três objetivos específicos, que são elencados, a seguir, a partir da gramática *Análítico Reflexiva*: i) fazer com que o aluno aprenda verdadeiramente a importância da gramática e para que são necessárias suas regras; ii) mostrar ao docente que há outras formas e métodos quanto ao ensino da gramática sem se prenderem ao uso tradicional para o ensino da língua portuguesa;

iii) proporcionar ao aluno uma forma prazerosa e divertida de se aprender a erudição da língua portuguesa por meio da inovação e ludicidade.

No contexto escolar, a música instrui o sujeito a ouvir e a escutar de modo ativo e pensada. Mediante ao exposto não constitui que a composição se torne o singular recurso de emenda, mas de que forma facilitá-lo, já que o estudante convive com ela desde a infância.

Nesse sentido, a música é uma atividade gracejada e que auxilia na constituição do caráter social e intelectual do sujeito ao promover o equilíbrio e proporcionar um estado agradável de bem-estar, promove a meditação e o ampliação da razão, ao ser um atuante cultural que colabora na constituição da identidade do cidadão. Pode-se alterar conceitos naturais em conceitos científicos.

O uso da música para o processo de aprendizagem, amplia o trabalho em equipe, uma vez que, para que uma classe tenha sucesso, todos os alunos têm que trabalhar em conjunto, com o objetivo de ter uma boa *performance* e têm que se comprometer a aprender a letra da música, participar dos treinos ou ensaios e exercitar a música em bloco. Por essa razão, a música tem seu valor em sala de aula. Para o rigor científico, durante a realização deste trabalho, uma exaustiva procura por referências teóricas foi explorada. Não obstante, as decorrências dessa investigação abalizaram uma quantidade mínima de trabalhos publicados em revistas eletrônicas e livros impressos que acerca-se o uso da música nas práticas letivas e seus fundamentos, entretanto, são referenciais de extraordinário proeminência ao uso em sala de aula para o ensino de língua portuguesa seja como disciplina ou projeto inter- ou transdisciplinar.

Perante as decorrências realizadas e a procura por teorias existentes, na atualidade, sobre o tema deste trabalho, veio as inquietações e o anseio de examinar, intensamente, tornou-se um desafio a ser cumprido. Por essa razão, acredita-se que esta pesquisa possa colaborar para a ponderação acerca do emprego da música nas aulas e, de tal modo, solicitar a discussão a respeito da importância desse tema.

No contexto escolar, os alunos vêm apresentando dificuldades em relação a aprendizagem da língua nacional. Nesse sentido, entende-se, que tal modo, ocorra porque os professores continuam ensinando a gramática normativa sem observar as variantes segundo Antunes (2014, p. 34):

[...] os gramáticos de língua portuguesa, dependendo da época em que se escrevem as suas gramáticas, selecionam autores literários de prestígio para servirem com os seus textos de exemplos para as regras gramaticais que compõem as suas gramáticas.

Todavia, a organização dessas gramáticas não pode variar em suas partes em seus conteúdos.

Na história da gramática portuguesa há fases:

- fase greco-latina;
- fase filosófica;
- fase histórica;
- fase prescritiva.

De acordo o autor, há várias razões que motivam o aluno a não compreender a gramática, por não compreender as fases do surgimento das gramáticas e como elas são trabalhadas em sala de aula. Por meio das pesquisas realizadas, pode-se destacar que os métodos que os professores utilizam em sala de aula precisam ser inovados para serem mais produtivos e interativos entre os sujeitos atuantes em sala.

De acordo Possenti (1996) e Travaglia (2005) que expõem de forma clara em seus pensamentos sobre o ensino das gramáticas nas escolas. Os alunos não demonstram interesse na gramática normativa, pela utilização de tantas regras conceituais sem significação para o dia a dia nas relações pessoais, com isso, a disciplina torna-se difícil e sem importância alguma para os sujeitos aprendiz.

Segundo Travaglia (2005, p. 24):

[...] A gramática é concebida como um manual como regra de bom uso da língua a serem seguidos por aqueles que querem expressar adequadamente. Observando essa conceituação percebemos que para expressar adequadamente é necessário certos conhecimentos das regras de gramática que auxiliam ao falante para um domínio correto da língua.

Já para Possenti (1996, p. 59):

Acredito que é completamente diferente trabalhar com a gramática na escola depois de estar convencido que ela não é indispensável para o ensino e principalmente depois de estar convencido que uma coisa é o estudo de gramática outra é o domínio ativo da língua. Devemos levar em consideração que o aluno já possui um conhecimento ampliado chamado de gramática interiorizada. Sabemos também que qualquer pessoa que fala, em sua mente guarda está gramática interiorizada que é desenvolvida quando somos crianças e de acordo com o tempo e contexto social em que vivemos ela vai se aprimorando.

Para os autores supracitados, os estudantes ao chegarem em sala de aula já conhece um tipo de gramática que lhe é familiar, a gramática internalizada e cognitiva. Enquanto que na escola parece que ensina uma segunda língua a abstrata que vem ao encontro com Antunes (2007, p. 26) que: “qualquer pessoa que fala uma língua, fala essa língua porque ela sabe sua gramática, mesmo que não tenham consciência disso”. Por esse viés, é sabido que todos sabem a língua em uma variedade, conseqüentemente, sabe gramática.

O ensino da gramática tradicional vem gerando conflitos, críticas e dúvidas por parte do professor que, às vezes, acaba não ficando contente com os resultados das avaliações e pelos alunos que por muitas vezes se sentem fracassados por não entender os conteúdos ministrados nas salas de aulas.

Para Barros (1540) gramática é a Ciência das letras e sua origem se deu com os barões doutos, e, para Barbosa (1822, pp. VIII-IX)

a gramática pois, que não é outra coisa, segundo temos visto, senão a Arte, que ensina pronunciar, escrever, e falar corretamente qualquer língua, tem naturalmente duas partes principais, uma Mecânica, que considera as palavras como meros vocábulos e sons articulados, já pronunciados, já escritos, já com tais sujeitos as leis físicas dos corpos sonoros, e do momento; outra Lógica, que considera as palavras, não já como vocábulos, mas como signos artificiais das ideias e suas relações, e como tais sujeitos às leis psicológicas, que nossa alma segue no exercício de suas operações e formação de seu pensamento: as quais leis sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação de que seja ou fossem; devem necessariamente comungar às Línguas, pelas que se desenvolvem e exprimem estas operações, os mesmos princípios e regras gerais, que as dirigem. A parte Mecânica das línguas e sua Gramática pertencem a Ortoepia e a Ortografia; e à parte Lógica pertence a Etimologia, e a Sintaxe.

Por esse princípio, fica claro que a Gramática é uma Arte dos doutos, por isso seu ensino parte da Literatura, mas, uma vez que, o professor não conhece a Arte torna-se difícil o ensino de gramática para o alunado nas escolas ou colégios.

Perini (1997, p. 54) afirma que:

O problema é que as gramáticas escolares, aqui como em muitíssimos outros pontos, não são organizadas de maneiras lógicas; e como aprender uma disciplina que não tem organização lógica? Não é de espantar que ninguém tenha segurança nessa matéria, e não é de se espantar que ninguém goste dela.

De acordo com o autor, a gramática normativa apresenta norma culta e padrão da língua, os alunos possuem mais dificuldade em relação a ela e seu aprendizado, mesmo assim, diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos é de saber que a gramática tradicional é a que o professor presa para o ensino, mesmo que seja de maneira inadequada e por desconhecimento do docente sobre tais normas. Essa é a estimada e a valorizada como forma única de ensinar à língua desconexa e fragmentada, não adota novas metodologias e deixa com que os alunos terminem seu ano escolar sem compreender o que foi ministrado em sala de aula. Nesse sentido, o ensino gramatical carece de ser pesquisado e como estudá-lo a partir do uso de música em sala de aula.

Desse modo, segundo Travaglia (2005, p. 30): “[...] A gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua [...]”. Sendo assim, sabe-se que toda gramática normativa é para o aprender falar e escrever, corretamente, à língua

O ensino de língua portuguesa passa por um momento de mudança. Depois de muito tempo que o ensino da gramática normativa e prescritiva foi o principal conteúdo de professores e educadores a preocupação em mudar, pesquisadores, professores e linguistas propõe uma mudança quanto a metodologia para trabalhar com a língua portuguesa, em especial ao ensino da gramática em sala de aula.

Surgiu, então, a proposta da gramática analítico reflexiva, que pretende colocar em evidência a capacidade de reflexão do estudante para os possíveis usos da língua. Travaglia (2009 e 2011) e Vieira (2013) apresentam as propostas didático-metodológicas para o ensino da gramática, sendo baseadas na observação, reflexão e análise dos alunos.

Nesse sentido, a perspectiva analítico-reflexiva têm alguns benefícios importantes para o desenvolvimento intelectual do aluno como a capacidade de pensar com lógica para formular teorias, aprimorar a capacidade de observação, análise e reflexão. Por outro lado, o raciocínio lógico científico e o desenvolvimento da competência comunicativa e a introdução a Ciência. Desse modo, a metodologia analítico-reflexiva para o ensino da gramática é científica, parte de um princípio ordenado, planejado e organizado acerca da língua em seu *status quo*.

A música é, historicamente, como todo arte, faz parte do desenvolvimento da humanidade. De acordo Antunes (2014) desde os primórdios o ser humano já se

compartilhava por meio de sinais e sons rítmicos. Esses sinais e sons com o passar do tempo foram modulando e tomando mudanças pancrônicas para chegar a linguagem atual.

No gênero música, tem-se vários tipos de linguagem e de uso da gramática. Nesse sentido, o ritmo, a harmonia e a palavra nesse gênero viabiliza a forma de aprendizagem dos alunos ao ser orientados, aguçados a curiosidade do saber.

Nada obstante, com o transcorrer do tempo e com a transformação no espaço geográfico o indivíduo tornou-se educado ao descobrir a linguagem e a escrita, entretanto, a música está enxertada no contexto histórico da humanidade desde a modernidade a contemporaneidade.

Essa linguagem modificou-se em instrumentos e métodos pedagógicos na proporção em que é convidada para objetar por meio de objetivos propostos, um deles é o de agenciar o desenvolvimento dos conteúdos programáticos a partir da técnica de mutação de conceitos espontâneos em conceitos científicos (ANTUNES, 2014).

Soares (1998, p. 209) afirma que a “utilização da música como recurso didático foi uma constante [...] considerávamos inovadora a análise de letras de música, e satisfatória a utilização do método ‘ouvir e interpretar’”.

Segundo as ponderações da autora, esses conceitos admitem esperar que a música facilita a apreensão do aluno, porquanto, coloca afinidade em meio ao autor *versus* compositor e ouvinte *versus* leitor. Desse modo, sabe-se que a afinidade é um conceito que acontece quando os subordinados se acomodam com o conjuntura histórica, ao incidir a refletir no lugar do outro.

A afinidade é adjunta à simpatia, à proeminência de paixões ou identificação com outros actantes se manifesta quando há um sentir a ser o que o outro é. Nesse sentido, se a afinidade for percebida como uma instalação para encerrar o modo subjetivo de entender um assunto ou problema de alguns grupos que se apresentam diferentes de outros, mas capazes de apreender as atividades cognitivas um desses momentos é realizado por meio da música, mesmo que não há compreensão da palavra, ela inova, catequiza a dança e a escuta.

Assim, é possível levantar a hipótese de que o aluno, nas situações em que a música é utilizada como recurso didático, se identifica com o assunto, podendo transformar seus conceitos espontâneos em conceitos científicos.

A música por meio da tecnologia possibilita trabalhar diversas atividades, desde a letra, a palavra, a escuta, o canto, a interpretação e a compreensão, por um lado, por outro há de trabalhar a emoção, o ensino de gramática e sintaxe por meio do texto.

Desse modo, para Gainza (1988, s/p) “A música é um elemento de fundamental importância, pois movimenta, mobiliza e por isso contribui para a transformação e o desenvolvimento. A música não substitui o restante da educação, ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade.”.

Assim, as aulas mais dinâmicas fornecem aos estudantes mais estabilidades para a interpretação de textos e da compreensão dos vários gêneros que podem ser apresentados nas letras das músicas, essas associações são funcionais e promovem o entendimento consciente dos alunos acerca da gramática e os processos analisados da língua.

O professor pode explorar temas como sintaxe e fonética, substantivos, adjetivos, pronomes, advérbios, verbos entre outros; os sons e muitas vezes entram na articulação. E, conseqüentemente, a nasalização, o professor pode mostrar aos estudantes o quanto há palavras diferentes e com sons que se modificam quando são cantadas e não faladas, ou ora a pronúncia aberta singular e fechado plural, por exemplo, “ovo” e “ovos”. Um levantamento das adversidades em letra de músicas é outra questão que pode ser trabalhada como os diversos gêneros: rock, pop, mpb, samba, funk, forró, axé, sertanejo, bossa nova, moda de viola. Esses gêneros trazem há tona várias culturas existentes do país porque cada falante traz em si as variantes regionais neutra de um paulista, a variação carioca e a mais próxima do português europeu a piauiense.

A liberdade poética possibilita que o autor usa o paradoxo e o hipérbato para a tessitura de uma letra musical e por essa razão, tanto o professor quanto o aluno podem ultrapassar as barreiras de uso das regras gramaticais.

O uso da música pode desempenhar este papel e construir para o melhor entendimento das várias gramáticas. O que se expressa com este estudo é que os alunos participantes desses novos métodos consigam ser mais independentes, intelectualmente e passem a refletir, analisar perceber e criticar as várias formas de registros da língua portuguesa.

Em linhas gerais este artigo propõe uma nova dinâmica com o uso da música para tornar as aulas de português mais criativas e descontraídas, por esse motivo, favorece esse



trabalho implica em aprendizagem dos alunos diante dos gêneros musicais e das gramaticais mais elaborados.

Com as múltiplas abordagens estes alunos desenvolvem-se melhor e a partir deste contexto poderão analisar a música e suas letras ponderam a reflexão sobre a variedade linguística existente na língua portuguesa. É preciso explorar novas alternativas para expor a língua por meio do gênero textual: música.

A música acalma a alma, nela pode-se encontrar memórias e momentos vividos ou passados, o mesmo acontece com a língua ela marca a história da humanidade e traz consigo o contexto de determinado tempo. Por fim, pode-se concluir, que é admirável destacar a importância de uma ciência elementar de música nos cursos de licenciaturas para que estes futuros professores tenham a perfeito apreensão desta ferramenta didática pedagógica, à medida que proporciona acessibilidade de uso da música em sala de aula para o ensino de gramática. Esse trabalho não quer concluso, uma vez que abre possibilidades de reflexão para prática letiva do professor ao auxiliá-lo no ensino de línguas. Desse modo, acredita-se que o professor faz a diferença na vida do aluno ao ter a musicalidade como um aliado permanente no procedimento de ensino aprendizagem.

### **Referências bibliográficas**

ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedras no caminho.** São Paulo. 3ª ed. Parábola, 2007.

ANTUNES. C. C.. **Um Estudo das Regras de Uso do Hífen, Segundo o Acordo Ortográfico de 1990.** 2014. 136 f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2014. Impressa.

GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos de Psicopedagogia Musical.** 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

BARBOSA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem.** Lisboa: Typografia das Sciencias, 1822.

PERINI, Mário. A; **Sofrendo a gramática**; ensaios sobre a linguagem. 3ª ed., São Paulo, Ed. Ática, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola?** Campinas, São Paulo: ALD: Mercado de Letras, 1996.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 10ª ed. São Paulo. Cortez, 2005.

VIEIRA, S.C. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2003.